

ANTONI GAUDÍ

(1852-1926)

O ARQUITETO DE DEUS

A portrait of Antoni Gaudí, a man with a full, dark beard and mustache, looking slightly to the left. He is wearing a dark, textured jacket over a white shirt and a dark tie. The entire image is overlaid with a semi-transparent green filter.

ASSOCIAÇÃO CANÓNICA ANTONI GAUDÍ
BARCELONA 2024

ANTONI GAUDÍ

(1852-1926)

O ARQUITETO DE DEUS

ASSOCIAÇÃO CANÔNICA ANTONI GAUDÍ
BARCELONA 2024

© Depósito Legal B 4283-2025

© Depósito Legal B 4283-2025

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por qualquer meio ou procedimento, sem autorização da Associação Canônica Antoni Gaudí.

ASSOCIAÇÃO CANÔNICA ANTONI GAUDÍ

info@beatificaciogaudi.org

www.beatificaciogaudi.org

CRÉDITOS

Os redatores desta obra são

Armand Puig i Tàrrach e Francesc Torralba Roselló

ÍNDICE

1. Introdução	4
2. Notas biográficas	7
3. A espiritualidade de Gaudí	12
4. A beleza e as fontes de inspiração: Bíblia, liturgia, natureza	18
5. A prática das virtudes cristãs	24
6. O caminho místico	30
7. Epílogo	34

1. INTRODUÇÃO

No dia 7 de novembro de 2010, o Papa Bento XVI consagrou o altar e a ainda inacabada Basílica da Sagrada Família, e apresentou ao mundo a obra mais emblemática do servo de Deus Antoni Gaudí i Cornet (1852-1926). Ao mesmo tempo, o Santo Padre trouxe à tona a figura do seu autor, reconhecido mundialmente pela sua contribuição no campo da arquitetura, da qual elogiou a sua proximidade à Palavra de Deus, à liturgia e à natureza, que inspiraram a sua obra. Há alguns anos, em 1982, São João Paulo II foi o primeiro Papa a visitar a Sagrada Família e afirmou que a Basílica demonstrava força já desde a sua criação.

Com base na publicação da Associação Canônica Pró Beatificação de Antoni Gaudí e na documentação recolhida para a redação da “positio”, a Associação Canônica Pró Canonização de Antoni Gaudí, criada em dezembro de 2023 pelo Cardeal Joan Josep Omella, Arcebispo de Barcelona, deseja oferecer a todos os devotos e simpatizantes da causa da proclamação da santidade de Gaudí, a presente obra. Sabemos que muitas pessoas, no passado e no presente, consideraram que Gaudí foi um homem que praticou as virtudes cristãs e cuja vida foi exemplar. O chamado “arquiteto de Deus” reúne em si extraordinárias habilidades técnicas, que o tornam um génio da arquitetura de todos os tempos, e demonstra uma vivência espiritual, que o qualifica como

um cristão que atingiu um sentimento religioso típico dos místicos.

A piedade é essencial no espírito de Antoni Gaudí. A admiração diante da obra do Criador, o sentimento de pequenez diante de Deus, de reverência diante do sagrado, são elementos da sua pessoa e da sua obra. Por outro lado, Gaudí é um gênio e, portanto, um criador, e a criação é uma obra de amor, porque o amor é, por si só, inovador e vasto. Em Gaudí, este amor é dirigido a Deus, embora não deixe de se envolver na história da humanidade através do caminho da beleza, caminho que Deus lhe concedeu para se destacar. A sua grande obra, a Sagrada Família, é um hino à Trindade no céu (Pai, Filho e Espírito Santo) e às três pessoas na terra (Jesus, Maria e José). Como templo expiatório, é fruto das pequenas ofertas de uma multidão de pessoas, de origens e culturas muito diversas, que são atraídas pela beleza humilde de uma igreja que é toda ela louvor ao Criador.

Esta obra quer apresentar a dimensão cristã, profundamente espiritual, de uma pessoa que deixou um exemplo de vida santa, válido para o povo cristão e para qualquer pessoa de boa vontade, e que deve ser invocada, se a Igreja assim o considerar, como o nosso intercessor junto a Deus.

Barcelona, 10 de junho de 2024

Aniversário da morte do servo de Deus



2. NOTAS BIOGRÁFICAS

Antoni Gaudí i Cornet era filho de Francesc Gaudí i Serra, natural de Riudoms e funileiro de profissão, e de Antônia Cornet i Bertran, natural de Reus, também de família de caldeireiros. Nasceu em Reus no dia 25 de junho de 1852 e no dia seguinte foi batizado no priorado paroquial de Sant Pere Apòstol daquela cidade. Faleceu em Barcelona, no Hospital de la Santa Cruz, em 10 de junho de 1926, como consequência de ter sido atropelado por um autocarro três dias antes.

Gaudí era o mais novo de cinco irmãos. A mais velha, Rosa, morreu jovem e deixou uma filha, também chamada Rosa, sobrinha de Gaudí. O segundo, Francesc, era médico e morreu igualmente jovem. Os outros dois, Maria e Antoni, faleceram muito pequenos. Antoni Gaudí viveu em Reus até os dezasseis anos (1868), quando se mudou para Barcelona com o seu irmão. A sua mãe morreria em 1876. Estudou arquitetura na capital catalã e exerceu como tal até à sua morte; nos seus últimos doze anos, dedicou-se de corpo e alma à construção da sua obra-prima: a Basílica da Sagrada Família.

Durante a infância, passada em Reus e com breves estadias em Riudoms, nomeadamente em Mas de la Calderera, Gaudí

demonstrou grande interesse pela natureza e pelas formas orgânicas. O imaginário de Gaudí deve muito à sua observação constante de árvores e pedras, plantas e rochas, texturas e cores da natureza. Mais tarde ele dirá, como arquiteto, que a natureza é o seu mestre. Gaudí, quando era criança e adolescente, passou muito tempo percorrendo os arredores de Reus e Riudoms, observando as formas da natureza. Paralelamente, realizava os estudos secundários no Colégio dos Padres Escolápios de Reus, onde se detectou de imediato uma profunda inclinação para a geometria e o desenho.

Gaudí lembrará constantemente durante a sua vida que era geômetra e, portanto, arquiteto. E foi assim que o demonstrou nas obras apresentadas durante os seus estudos na Escola de Arquitetura de Barcelona, onde se formou em 1878. Já nessa época o seu estilo era tão único e visionário, influenciado pelas formas do gótico catalão e pelas formas orgânicas da natureza, que um dos seus professores, Elies Rogent, exclamou no dia da sua graduação: “Hoje damos o grau de licenciado a um louco ou um gênio!”.

O novo arquiteto começou a trabalhar intensamente em diversos projetos. Queria criar um nome e, além disso, tinha que contribuir para uma economia familiar fraca. No entanto, a sua grande oportunidade chegou em 1883. Providencialmente, recebeu de Josep Maria Bocabella, fundador da Associação dos Devotos de São José, a encomenda para

continuar a construção da Basílica da Sagrada Família, projeto que definiria a sua carreira e que manteria até à morte. Durante mais de quarenta anos, a Sagrada Família seria o sonho de Gaudí, um sonho que cresceria dentro e fora dele, tanto espiritual como arquitetonicamente.

As obras de Gaudí, tanto civis como religiosas, sucederam-se num ritmo acelerado e cheio de contrastes. Assim, projetou o Palau Güell (1888), um edifício repleto de cromatismo, para o seu mecenas Eusebi Güell, que o queria como símbolo da Primeira Exposição Universal de Barcelona. E, ao mesmo tempo, trabalhou, para o padre Santo Enric d'Ossó, no convento e escola das Teresianas de Ganduxer, edifício austero e altamente espiritual, que encarna os ensinamentos de Santa Teresa de Jesus. Os movimentos internos do seu coração que luta para se aproximar de Deus, a enorme carga de trabalho que carrega, as dificuldades que enfrenta em Astorga e a morte de um dos seus mentores, o bispo de Astorga e finalmente de Reus, Joan Baptista Grau, que o apresentou à liturgia da Igreja, levou Gaudí a questionar-se sobre o significado profundo da sua vida. Durante a Quaresma de 1894, um jejum excessivo leva-o às portas da morte. Foi salvo pela intervenção de Josep Torras i Bages, futuro Bispo de Vic, seu principal mentor, junto com os pais de São Felipe Neri, com quem se confessou. Naquele ano de 1894, Gaudí passou por uma crise de crescimento espiritual que, a longo prazo, seria benéfica, pois o faria caminhar com passo firme em direção à santidade.

Em 1898, Gaudí, que continuou a trabalhar na Sagrada Família, iniciou um período de grande atividade. Encontrou fortemente a presença de Deus, e a sua arquitetura está repleta de referências cristãs, especialmente cruzeiros, como as que coroam a mansão Bellesguard, a Casa Batlló, os telhados de La Pedrera e a entrada do Parc Güell. Também constrói as Escolas da Sagrada Família (1909), que paga do seu próprio bolso, para que os filhos dos trabalhadores recebam uma educação cristã e cívica, evitando assim a violência social. Os símbolos cristãos estão espalhados pela cidade e a sua arquitetura integra-os através de uma arte incomparável e uma arquitetura única, que provoca admiração e atrai pela sua força. Mas a partir dos anos 1912-1914, Gaudí, após a morte da sua sobrinha Rosa, deixou tudo, e também a grandiosa intervenção na Catedral de Maiorca, a morte do amigo bispo Pere-Joan Campins, e a cripta da igreja da Colónia Güell, com as obras interrompidas pela grave doença do seu amigo e mecenas Eusebi Güell. Tudo está concentrado na Sagrada Família. Agora a sua preocupação exclusiva são os modelos das naves, a fachada da Natividade, os estudos dos sinos, os mosaicos nas extremidades das torres, sem esquecer, no entanto, os humildes lustres e candeeiros, que ele próprio modela para a cripta da Sagrada Família.

Em novembro de 1925, Gaudí deixou de morar no Parc Güell e mudou-se para a sua oficina na Sagrada Família. Ele, que viveu para Deus, instala-se agora perto da sua casa. A torre de São Barnabé já brilha no céu de Barcelona e os marinhei-

ros já a conseguem ver de longe. É uma torre entre dezoito, mas é o sinal do que está por vir, da nova Jerusalém que sobe ao céu. Gaudí, homem de estilo de vida austero, isolou-se de tudo o que pudesse desviá-lo do seu único objetivo. A sua força diminui e tudo nele se volta para Deus. O arquiteto, que continua a ir todos os dias à igreja de São Felipe Neri, tocando na Catedral de Barcelona, é atropelado por um bondinho no dia 7 de junho de 1926 à tarde, na Gran Via de les Corts Catalanes, perto da Praça Tetuan. Tendo sido confundido com um mendigo, é levado ao Hospital dos Pobres da cidade, o Hospital de la Santa Cruz. O seu estado é gravíssimo e Barcelona inteira está comovida com o acidente. Finalmente, com um “Amém” repetido três vezes, Antoni Gaudí morre na tarde de 10 de junho. Tem cerca de setenta e quatro anos. Muitas pessoas foram homenageá-lo em câmara ardente e deixar um registo escrito do seu carinho. O enterro, de forma simples e massivo em termos de assistência, atravessa as ruas de Barcelona e constitui uma expressão da voz do povo: “Morreu um santo!” Os restos mortais de Gaudí repousam na capela de Nossa Senhora do Carmo, na cripta da Sagrada Família.

3. A ESPIRITUALIDADE DE ANTONI GAUDÍ

São três as inteligências que convergem na pessoa de Gaudí. A primeira é a inteligência do espaço, que o predispõe a inovar nos cálculos e a imaginar, antes de realizá-los, os espaços interiores e exteriores das suas obras. A segunda é a inteligência lógica e matemática, o que o torna especialmente adequado para o cálculo de figuras geométricas. A terceira é a inteligência espiritual, que lhe permite entrar nos mistérios cristãos através do poder dos símbolos da religião dos discípulos de Cristo.

São três inteligências que se cruzam e se complementam. A inteligência mais decisiva é, porém, a terceira. A força motriz do génio criativo de Gaudí é o amor espiritual, um amor dirigido a Deus e ao próximo. Por isso, o principal referente da Sagrada Família é a nova Jerusalém, que está orientada para Deus. No livro do Apocalipse 21:2, podemos ler: “Então vi descer do céu, vinda de Deus, a nova Jerusalém, vestida como uma noiva que se embeleza para o seu marido”. Pois bem, Gaudí construiu uma grande igreja, que sobe, e não desce, em direção ao céu, e que evoca a cidade de Deus.

Na Sagrada Família tudo é vertical, tudo sobe, tudo aponta aos céus. As dezoito torres constroem uma mensagem de

esperança cristã no meio da cidade, visível a todos os cidadãos e aberta às gerações futuras. A verticalidade da Basílica, que aponta da terra para o céu, é muito mais relevante do que a horizontalidade. Gaudí deseja que os peregrinos e visitantes da Sagrada Família, ao contemplá-la, se elevem eles próprios, da terra para Deus. Na verdade, em toda a sua obra, desde as mais pequenas peças aos grandes projetos arquitetônicos, Antoni Gaudí pretende elevar o homem ao Infinito.

A espiritualidade de Gaudí, a sua vida interior são alimentadas pelos fundamentos do catolicismo. E é precisamente esta espiritualidade, característica de quem não estudou teologia num centro acadêmico, mas que vive os mistérios da fé, o que expressa nas suas obras. A fé católica, que Gaudí viveu com naturalidade, sem complicações intelectuais, sobretudo a partir de 1894, irradia na sua arquitetura. Os seus edifícios bebem da fonte do simbolismo cristão. A arquitetura é colocada ao serviço do símbolo, e o símbolo traduz-se em formas plásticas de extraordinária beleza. Tudo o que Gaudí toca torna-se belo, participa da beleza de Deus, porque na raiz da sua criatividade estão os mistérios cristãos e as suas expressões simbólicas.

A espiritualidade de Gaudí baseia-se nos princípios da fé católica, como se expressam no Catecismo da Igreja, na participação nos sacramentos, especialmente na missa e comunhão diária e no sacramento da penitência, e na prática

das devoções, especialmente o Rosário dedicado a Maria, a Mãe de Deus, e a Via Sacra. Por outro lado, a sua espiritualidade é profundamente litúrgica. Gaudí segue os ritmos do ano litúrgico, especialmente dos chamados “tempos fortes” (Advento, Quaresma e Páscoa), e participa com entusiasmo no Tríduo Pascal e de Natal. Também faz os jejuns quaresmais e tem sempre pronta uma oração ou jaculatória, principalmente aquela referente à Sagrada Família: “Jesus, José e Maria, entrego-vos o meu coração e a minha alma”.

Gaudí não nos deixou nenhum documento das ondulações espirituais que viveu. Não nos legou nenhuma “História da alma”, como Santa Teresa de Jesus, ou um “Diário da alma”, como o do Papa São João XXIII. Devemos investigar o seu percurso espiritual através da sua obra, da sua própria história, das suas atitudes, dos testemunhos que o rodeiam e das influências recebidas pelas pessoas e pelas leituras. Entre as pessoas, devemos mencionar os três bispos amigos (Torrás i Bages, Grau e Campins) que já mencionamos na nota biográfica e alguns padres: São José Manyanet, fundador da congregação dos Filhos da Sagrada Família, o poeta Jacint Verdaguer, príncipe das letras catalãs, e o jesuíta e pensador Ignasi Casanovas, fundador da Biblioteca Balmes. Gaudí pertenceu ao grupo de intelectuais catalães da sua época e, ainda jovem, participou ativamente em diversas excursões científicas. É de salientar a sua amizade com o poeta Joan Maragall.

Entre as leituras que alimentam a sua espiritualidade, devemos citar a Bíblia e três obras principais. Gaudí leu as Sagradas Escrituras em latim e espanhol (a Bíblia de Torres Amat), "L'Année liturgique", a obra de Dom Prosper Guéranger, em francês, e o Missal Romano e o Cerimonial dos Bispos, em latim. A base da vida espiritual de Gaudí foi lançada pelo "Catecismo da Doutrina Cristã", escrito pelo Arcebispo de Tarragona Josep Domènec Costa i Borràs, e o qual Gaudí aprendeu, muito provavelmente, quando fez a primeira comunhão em Reus, fundamentando os temas que Gaudí escolhe para a fachada da Glória. Como homem culto e educado, Gaudí limitou-se a ler, nos últimos anos da sua vida, obras religiosas sobre a vida de Jesus, os seus milagres e os Evangelhos. Recorde-se que as três fachadas da Sagrada Família são dedicadas a três mistérios da vida de Jesus: a encarnação (fachada da Natividade), a redenção (fachada da Paixão) e a parusia (fachada da Glória).

Há, portanto, uma ligação muito estreita entre o que Gaudí viveu internamente e a sua obra arquitetónica. Por exemplo, o uso que Gaudí faz do Catecismo da sua infância mostra como a Sagrada Família é uma catequese, feita em pedra viva, dos mistérios cristãos. Gaudí coloca os retábulos fora da Basílica, nas três fachadas, que se tornam assim grandiosas explicações dos mistérios da vida de Jesus Cristo. Na verdade, toda a Basílica é um livro aberto, um Evangelho em pedra, tendo como elemento central o tema central da Trindade. Tudo gira em torno do Pai, do Filho e do Espírito

Santo, mas também dos sacramentos e da Igreja como povo de Deus e como sacramento de salvação. A espiritualidade de Gaudí antecipa o que será o Concílio Vaticano II. Ele foi um precursor.

Por outro lado, o fundamento metafísico da obra de Gaudí é a metafísica cristã. Gaudí chega lá através do seu guia espiritual, Dr. Josep Torras i Bages, Bispo de Vic, e o padre Ignasi Casanovas, que se inspiram no pensamento de São Tomás de Aquino e nos escritos de Jaume Balmes, autor muito respeitado por Gaudí. Além disso, o Bispo Campins e o ambiente maiorquino do início do século XX levaram Gaudí a ler algumas obras do beato Ramon Llull, enquanto vivia em Palma. Tomás de Aquino e Ramon Llull constroem as respectivas sínteses teológicas, diferentes entre si mas de grande força intelectual, que se refletem em algumas opções e ideias de Gaudí. Assim, o desejo de totalidade na arquitetura, típico de Gaudí, encontra paralelo no pensamento teológico e filosófico de Llull, também de natureza holística. Ou seja, a correspondência entre Deus e a criação equivale à relação entre o invisível e o visível. A realidade é compreendida quando o ser humano entende que Deus comunica com ele através da obra criada. É por isso que Gaudí dirá que a natureza, a criação, é a sua mestra.

A espiritualidade de Gaudí passa pela sua vocação de expressar plasticamente a obra de Deus. Sente-se chamado a construir uma obra arquitetónica impregnada de simbolismo

cristão, para tornar visível e manifestar a grandeza da fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Por esta razão, o Credo ou Símbolo da Fé ocupa a parte mais visível da fachada da Glória, como sinal do que é e quer ser a Basílica da Sagrada Família: arquitetura cristã, inspirada na arte gótica mas levada à perfeição. Gaudí sentiu o chamado de Deus para expressar os mistérios cristãos através da sua arquitetura, a partir de uma forte experiência espiritual interior desses mistérios. Como escreveu o próprio Gaudí no “Manuscrit de Reus”, escrito no verão de 1878, uma grande igreja “deve inspirar o sentimento da divindade, com as suas infinitas qualidades e atributos”. Gaudí viverá este sentimento com todas as suas forças e saberá transmiti-lo. A Sagrada Família é uma combinação única de espaço vertical e profundo, e ao mesmo tempo humanizado, onde a pessoa se sente pequena mas não esmagada. A majestade de Deus não destrói o ser humano. Pelo contrário, dignifica-o e exalta-o.

4. BELEZA E FONTES DE INSPIRAÇÃO: BÍBLIA, LITURGIA E NATUREZA

A beleza é um dos caminhos que levam a Deus, tanto a beleza das coisas criadas por Ele quanto a beleza da arte, que é a criação humana. Por isso, a criação artística deve transbordar de beleza para que seja um verdadeiro louvor e reconhecimento de Deus Criador, e para que eleve até Ele aqueles que a contemplam e admiram. Gaudí propõe ir do visível ao invisível (“per visibilia ad invisibilia”), para descobrir o Criador através das coisas que a visão e os outros sentidos corporais podem captar. Retomando uma expressão dos filósofos gregos, Gaudí afirma que a beleza é o esplendor da Verdade, que em última instância é o próprio Deus. Portanto, quem busca as leis da natureza para criar as suas obras artísticas colabora com o Criador.

A beleza não está assim relacionada com o luxo ou a complicação. A Sagrada Família é bela, não luxuosa. Desperta emoções, sentimentos de alegria e paz e cria uma sensação de luminosidade interior, para que surja o desejo de participar da mesma beleza, integrando-a na própria vida. São João Paulo II disse: «Qualquer forma autêntica da arte é, à sua maneira, uma forma de acesso à realidade mais profunda do homem



e do mundo. Por isso, constitui uma abordagem muito válida ao horizonte da fé, onde a vicissitude humana encontra a sua interpretação completa». A beleza liberta o ser humano do seu egoísmo, da sua prisão interior, e abre-lhe espaços para a transcendência, o infinito e o mistério, ao mesmo tempo que reaviva o desejo de felicidade eterna.

Bento XVI escreveu que a beleza amplia os horizontes da consciência humana e remete a pessoa para o mais além, para o mistério de Deus. Segundo o Papa-teólogo, a beleza desempenha um papel essencial que Platão já via: abala o ser humano, faz com que saia de si mesmo, arranca-o da sua resignação. É como um dardo que o fere e o desperta ao abrir os olhos do seu coração e da sua mente para que ele possa voar. Na homilia proferida por Bento XVI por ocasião da consagração da Basílica da Sagrada Família, em 7 de novembro de 2010, ele disse: “Antoni Gaudí contribuiu brilhantemente para superar a lacuna entre a consciência humana e a consciência cristã, entre a existência neste mundo temporário e a abertura para uma vida eterna, entre a beleza das coisas e Deus como Beleza. Antoni Gaudí fez isso não com palavras, mas com pedras, traços e planos. E é que a beleza é a grande necessidade do homem; é a raiz da qual brota o tronco da nossa paz e os frutos da nossa esperança”.

O Papa Bento XVI também disse: “Gaudí, com a sua obra, mostra-nos que Deus é a verdadeira medida do homem. Que o segredo da verdadeira originalidade reside, como afirmou,

em regressar à origem do que é Deus. Ele mesmo, abrindo assim o seu espírito a Deus, soube criar nesta cidade (Barcelona) um espaço de beleza, de fé e de esperança, que leva o homem ao encontro de quem é a Verdade e a própria Beleza". Isto também foi o que expressou o bispo Josep Torras i Bages, uma das referências de Gaudí, para quem contemplar a beleza é contemplar um dos atributos de Deus refletidos na natureza. Uma paisagem, um edifício, uma música, podem conduzir o ser humano a Deus. A contemplação da beleza, seja no âmbito de uma imponente igreja como a Sagrada Família, seja num humilde espaço natural, desperta a conversão do coração.

Existem três fontes de inspiração nas quais Gaudí se baseia: A Bíblia, a liturgia e a natureza. A Bíblia é a primeira revelação de Deus, que dá o seu Filho, Jesus Cristo, para encher o mundo com o seu amor, e envia o Espírito Santo para renová-lo. Deus cria o mundo e quer preservar o mundo que criou, e conta com o cuidado que devemos ter com os seres criados, a começar pelo ser humano, especialmente pelos pobres e esquecidos. É o que ensina o Papa Francisco nas encíclicas "Laudato si'" e "Fratelli tutti". Em segundo lugar, a liturgia cristã, e particularmente a católica, é, para Gaudí, uma obra de arte total, uma corrente de vida que liga Deus e aqueles que participam na ação litúrgica, sejam eles habitantes da terra ou do céu. Por fim, a natureza evoca, em Gaudí, a imensidão de Deus e por isso podemos dizer que toda a terra é sagrada, com as plantas que a povoam, as

rochas que a rodeiam, a água que a banha e o alimento que dela provém, tanto para os homens como para os animais.

Gaudí amava a liturgia da terra, que é um reflexo da liturgia do céu. Segundo ele, a liturgia é uma lição da mais pura estética. É ver o invisível, é expressar o inexpressível, é encontrar o sublime nas coisas quotidianas. A liturgia, através da beleza, leva à contemplação. A oração litúrgica é um retorno constante à beleza de Deus. Por isso, a Basílica da Sagrada Família, e qualquer outra igreja, é um pilar do mistério, da liturgia que ali se celebra. Gaudí estudou cuidadosamente a disposição das cadeiras do coro, dos claustros, do presbitério, do altar, das naves, da sacristia, dos portais, dos vitrais e das lanternas, que iluminam um interior que deve expressar a grandeza e simplicidade de Deus feito homem. A profunda fé católica de Gaudí e o seu respeito pela tradição litúrgica do catolicismo refletem-se em cada um dos elementos, espaços e ambientes que cria para garantir a contemplação e o culto.

Em muitas tardes de domingo, Gaudí ia ao quebra-mar do porto de Barcelona, para ver o mar, a luz do céu e da água, e o movimento das ondas. Quando morou em Reus, ficou encantado com a Praia del Miracle de Tarragona. A natureza é, para ele, uma revelação de Deus, perdendo apenas para aquela que nos chega através da sua Palavra. Na Sagrada Família, a Bíblia e a liturgia inspiram o simbolismo, enquanto a natureza, com a geometria, explicam a arquitetura e

tudo se funde de forma indestrutível. Gaudí, desde criança, aprendeu a observar e contemplar a natureza como obra de Deus e como fonte de inspiração. Para ele, a natureza não é algo a ser dominado, mas um professor diligente, um livro aberto, onde se pode ler tudo o que pode nutrir a criatividade humana e os seus modelos. Gaudí copia a natureza na escultura e, por sua vez, transforma-a em arquitetura. Por exemplo, na Sagrada Família existem colunas-árvores (nave, fachada da Natividade) e colunas-osso (fachada da Paixão), e na cripta da Colônia Güell as colunas são geológicas. Tudo canta a glória de Deus.

5. A PRÁTICA DAS VIRTUDES CRISTÃS

Antoni Gaudí é um cristão que vive de forma extraordinária as virtudes cristãs, tanto as chamadas “teológicas” (fé, esperança e caridade) como as chamadas “cardeais” (prudência, justiça, força e temperança), e ainda algumas outras virtudes que complementam as anteriores (pobreza, humildade, obediência e castidade). Em suma, como ficou demonstrado na “*positio*” ou documento da causa de beatificação de Gaudí, apresentado e aceito pela Santa Sé, ele praticou as virtudes cristãs num grau excepcional e a sua reputação de santidade era notória. Isto é confirmado pelas reações, públicas e privadas, muitas vezes anónimas, por ocasião da sua morte e do seu enterro coletivo.

Antoni Gaudí é um homem de fé, recebida desde a infância e fortalecida especialmente a partir do jejum quaresmal de 1894. A partir desse momento, nele fortalece-se o homem interior, próximo da graça de Jesus Cristo e da prática constante dos sacramentos como meio constante de santificação. A fé em Deus e na sua providência está enraizada na sua vida e mostra-se em toda a sua pessoa e a sua atividade. Uma das suas frases favoritas é, nesse sentido, que “na Sagrada Família tudo é providencial”. Tudo acontece de acordo com a vontade de Deus e o seu desígnio, o que faz avançar a

obra da Basílica e os atrasos que sofre devido a dificuldades económicas e imponderáveis de todo o tipo. Citemos, por exemplo, os muitos meses que Gaudí teve de esperar pela chegada de Itália do mosaico veneziano ao Terminal das Torres. Gaudí não perdeu em nada a sua confiança em Deus. Sabe que, ao construir a Sagrada Família, está a cumprir a Sua vontade e que nada deve perturbá-lo internamente. Disse em tempos: “o dono desta obra não tem pressa”.

Esta é a reflexão de um crente e de um arquiteto habituado a ser instado a fixar prazos para as obras que constrói. Por isso, entre sério e divertido, responderá a quem lhe perguntar quando estará terminada a Basílica: “São José terminará a Sagrada Família”. Será quando o Céu quiser. Esta é a fé de Gaudí, partilhada por quem interveio na obra e por quem entende que todos dependemos da providência divina. Naturalmente, a Basílica é fruto do trabalho humano, e é por isso que o próprio Gaudí afirma: “É uma obra que está nas mãos de Deus e na vontade do povo”. A sua vocação está a meio caminho entre o que Deus lhe deu (excepcionais capacidades arquitetónicas) e o que pode oferecer ao povo (uma igreja que seja casa de oração e louvor ao Altíssimo). Gaudí afirmou: “o arquiteto, convivendo com o povo e dirigindo-se a Deus, vai fazendo a sua obra”. Gaudí está enraizado na sua terra e no seu país, ao mesmo tempo que se orienta para Deus, eleva a sua construção ao céu, às alturas.

Dizia a Carta aos Hebreus: “Fé é possuir antecipadamente o que esperamos, é conhecer realidades que não vemos” (11:1).

Existe uma estreita relação entre fé e esperança. Quem acredita, espera, e quem espera, acredita. Gaudí é um homem que vive o futuro como se fosse presente e contempla o presente olhando para o futuro. Quando Gaudí recebeu um grupo de visitantes e lhes explicou a Sagrada Família, a Basílica era um espaço ao ar livre, sem teto, cheio de silhares meio talhados, andaimes por toda a parte e algumas telas de parede já erguidas. Mas Gaudí falava aos visitantes como se a Basílica já estivesse concluída e, mais ainda, descrevia-lhes “in situ” as celebrações litúrgicas que ali aconteceriam: os ministros do altar entrando entre nuvens de incenso, o povo cantando a plenos pulmões, os órgãos tocando com toda a força, os sinos enchendo a cidade com os seus sons. Nada era visível, tudo estava por fazer, e tudo estava ali, diante dos olhos atónitos dos visitantes que acompanhavam encantados as explicações de um homem que acreditava e esperava, que possuía uma visão típica de quem é tocado pela graça de Deus. Antoni Gaudí acreditava firmemente na vida eterna e esperava a ressurreição da carne. A fachada da Glória da Sagrada Família evoca qual é o destino máximo do ser humano e como se deve viver para participar na vida eterna. Gaudí parte da convicção de que a vida humana tem um fim transcendente, não é um absurdo nem uma fatalidade. Somos seres orientados para a eternidade. Morremos sem apelo possível, deixando para trás uma vida corruptível, mas nascemos para a vida eterna. A vida humana não atinge a plenitude no espaço e no tempo, mas sim apontando para a eternidade. Este é o derradeiro propósito da existência humana.

Diz o apóstolo Paulo: “Revesti-vos do amor que une e aperfeiçoa todas as coisas” (Colossenses 3:14). Gaudí disse: “Primeiro, amor; depois, a técnica”. Antes de erguer um edifício, e enquanto as paredes estão a ser erguidas, deve lembrar-se de que Deus é amor e que estamos nesta terra para nos amarmos uns aos outros. No amor é possível construir. Sem amor, tudo é precário e desmorona-se. Gaudí amava as pessoas e as coisas, sem depender delas nem ser seu escravo. Tinha um carácter forte (“gente do campo, gente do raio”, em tradução livre de um dito popular catalão), mas confessou e reconheceu que não conseguiu superar completamente o seu carácter.

Os santos são forjados no meio de projetos não realizados, mas nunca lhes falta a proximidade do Pai, a companhia do Filho e o fogo do Espírito Santo. Nunca lhes falta o amor recebido e o amor dado. Gaudí foi tutor, durante muitos anos, da sua única sobrinha, Rosa, órfã que não gozava de boa saúde, até morrer. Cuidou daquela infeliz menina e foi como um pai para ela, amando-a e tratando dela. Algo semelhante pode ser dito de Llorenç Matamala ou Carles Mani, os seus amigos artistas, a quem ajudou e apoiou quando foram vítimas de cancro, ou de Francesc Berenguer e dos trabalhadores da Sagrada Família, que ajudou na doença e na fatalidade. Gaudí encheu-se de amor pelos pobres e pelos doentes, e tentou garantir que os filhos dos trabalhadores tivessem escolas decentes. O amor transformou-o e acabou por renunciar a tudo em prol da glória de Deus.

No que diz respeito às virtudes cardeais, é significativo recordar um episódio que coincidiu com um período de grandes dificuldades económicas para a Sagrada Família (1914-1915). Gaudí tornou-se um pedinte, um mendigo que andava por Barcelona pedindo dinheiro para as obras da Basílica. Nessa ocasião, teve de exercer as virtudes cardeais de um homem prudente no seu discurso, de um homem justo no seu pedido, de um homem forte face às negativas frequentes e de um homem determinado e comprometido com uma tarefa difícil. Gaudí reconheceu a Josep M. Dalmases, que o acompanhava, neto do fundador da Associação dos Devotos de São José, que este peditório lhe custou muito fazer e que teve de ser humilde, aceitando a boa vontade, muitas vezes parca ou inexistente, do povo.

As virtudes evangélicas da pobreza, castidade e obediência são constantes na vida de Antoni Gaudí. Ele, que em jovem apreciava uma boa mesa e boas roupas, e que procurava reconhecimento social, morreu em extrema pobreza e austeridade. Tanto que, após o acidente que o levaria à morte, foi confundido com um sem-abrigo, ao ser internado no Hospital dos Pobres, local para onde ele mesmo havia dito que queria ser levado. E, providencialmente, assim foi. Cumpriu a afirmação de que tudo fez "ad maiorem Dei gloriam", para a maior glória de Deus. Por outro lado, Gaudí viveu como leigo e como solteiro, voluntariamente, renunciando ao casamento. A sua oferenda a Deus também passou pelo estado civil. Queria casar-se e, como não era possível, disse

a si mesmo que esta era a vontade de Deus. Por fim, Gaudí praticou a obediência a Deus, aceitando a missão de construir a Sagrada Família, ao Evangelho de Jesus e à Igreja, mãe de muitos filhos. Gaudí foi uma pessoa dócil com o seu diretor espiritual e procurou fazer o que diz a Carta aos Efésios: "Submetam-se uns aos outros por reverência a Cristo" (5:21).



6. O CAMINHO MÍSTICO

Gaudí, um génio da arquitetura, não colocou a arte no centro da sua vida. O centro é ocupado pela sua experiência do Absoluto, que vai além de um discurso intelectual e estético, e entra no coração – um coração que, nas palavras do Salmo, “se deleita em ti, meu Deus” (42:2). A santidade de Gaudí culmina no caminho místico, que é a sua meta. São quatro os elementos que o compõem: providência, ascensão, sacrifício e glória.

Quanto à providência, Gaudí tem a firme convicção de que existe uma providência que zela por nós. Afirma-o porque há nele uma experiência interior de união com Deus e de fé total nos seus desígnios. Tudo é graça, disse Pascal. Tudo é fruto da misericórdia divina. Gaudí sempre se colocou nas mãos de Deus, e isso aumentou a confiança Nele e uma diminuição da frustração de não poder terminar a Sagrada Família em vida. Na verdade, Gaudí salienta que os edifícios religiosos, pela sua essência, devem ser duradouros, tal como a religião que albergam. A construção da grande igreja, necessariamente longa, deve ser medida de acordo com o tempo de Deus.

Quanto à ascensão, os místicos aproximam-se de Deus e espiritualizam as coisas deste mundo. A ascensão inclui ambos os elementos. Gaudí não pega nas realidades terrenas

para as espiritualizar, ele refina o material com que trabalha e dá-lhe uma beleza que brota, em última análise, da espiritualidade que ele vive. É por isso que a Sagrada Família emerge de uma beleza impregnada de Deus, de um Deus que não está longe do arquiteto, que preenche o seu espírito, e em quem vive e se move. Em Gaudí, como na Sagrada Família, a verticalidade domina: ascende e une-se a Deus, como as dezoito torres que se elevam em direção ao céu.

Quanto ao sacrifício, Gaudí afirma que a vida é amor e que o amor é sacrifício. Gaudí entende o amor como uma oferenda a Deus, como um presente de si mesmo. O amor não é, para Gaudí, a busca da auto-satisfação, mas sim a vontade de sair de si mesmo, de abandonar qualquer vaidade. Gaudí distanciou-se da bajulação e do prestígio, das honras e do reconhecimento. Por trás desta constante na sua vida está o desejo firme daquilo que ele chama de “diminuição do ego”, que deve ser conseguido ao não procurar “nenhuma compensação”, puramente por amor. Gaudí trilha o caminho do amor, ou seja, do sacrifício, que implica renunciar a si mesmo e ao material. Como disse Jesus: “Se alguém quiser vir comigo, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Marcos 8:34). Para Gaudí, é preciso aceitar a condição de dor e fragilidade que caracteriza a vida humana e centrar-se resolutamente no trabalho contínuo. Gaudí, como o beato Ramon Llull, é um místico das coisas concretas, não das obscuridades especulativas ou dos fenômenos extraordinários. Os pés na terra e a luz do Mediterrâneo moldam a sua

visão espiritual, a sua vivência em Deus, a sua experiência da realidade.

Quanto à glória, Gaudí é um homem de visão – não um visionário ou iluminado – e por isso a sua mística dos olhos abertos abraça o presente e o futuro, contempla o mundo humano e o mundo divino. Gaudí vê o que está e o que não está, e capta, com a sua visão, a imensidão, a totalidade. A Sagrada Família que ele constrói é o resultado de uma visão que culmina na visão de Deus, e é por isso que o que está dentro e fora reflete as qualidades que pertencem ao que vivemos agora: o sentido da luz e do espaço, e a plasticidade. A Sagrada Família é o triunfo da forma plástica enraizada na visão de um místico, que vê na sua obra uma participação na glória de Deus. Gaudí afirmou: “A glória é luz, a luz dá alegria e a alegria é o gozo do espírito.” Gaudí viveu unido a Deus, contemplou-o, amou-o, com todo o coração, com toda a alma, com todo o pensamento. (Deuteronomio 6:5)



ANTONIUS GAUDI
CORNET

REVERENDISSIMO PATRI
NATI IN VILLAGO DE LARLY
MENSIS SEPTEMBRIS ANNO
MDCCCXXXIII AETATIS
MENSIS OCTOBRI ANNO
MDCCCXXXIII AETATIS
MENSIS OCTOBRI ANNO
MDCCCXXXIII AETATIS
MENSIS OCTOBRI ANNO
MDCCCXXXIII AETATIS

R.I.P.

7. EPÍLOGO

Antoni Gaudí é um artista brilhante e, ao mesmo tempo, um místico num meio urbano, é um homem contemplativo e ativo, ao mesmo tempo solitário e social, um asceta e um cidadão, um homem de raízes católicas e de fé profundamente enraizadas, um criador nato que transforma e inova, um homem próximo da família, dos amigos, da pátria. A vida pessoal de Gaudí é marcada pela simplicidade e humildade. Viveu com austeridade, dedicado ao trabalho, entendido como vocação e chamamento de Deus, e, ao mesmo tempo, tem em mente as necessidades dos outros. Foi um homem reservado, mas profundamente compassivo e generoso. Um homem absorvido pela santidade e pela oração. É por isso que merece ser chamado de “arquiteto de Deus”.

Gaudí cria uma nova arquitetura, que é um aperfeiçoamento do gótico, o estilo europeu mais duradouro no tempo, e nesta arquitetura introduz plenamente os símbolos cristãos, para que os mistérios da fé cristã estruturem o que ele faz, tanto em obras religiosas como em obras civis. Gaudí traduz a fé em pedras e formas, em texturas e cores, em luz e profundidade do espaço. Recebeu um dom de Deus e fê-lo frutificar para a Sua glória, e colocou-o à disposição das pessoas para quem trabalhou. Gaudí quer que o povo catalão e todos os outros povos do mundo experimentem a grandeza e a beleza de Deus, do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A obra que mais expressa os ideais de Gaudí é, sem dúvida, a Sagrada Família. É aqui que a fé de Gaudí e a sua arquitetura extraordinária se encontram, onde a grande igreja é verdadeiramente a casa de Deus, a nova Jerusalém, e a casa do homem, o espaço privilegiado da liturgia cristã. A simbiose entre Gaudí e a Sagrada Família é tão próxima que uma não pode ser compreendida sem a outra. Na Basílica do povo, bem no meio da rede urbana de Barcelona, a grande cidade, Gaudí vê um santuário, um farol de luz que vem da torre principal, a cruz de Jesus, Cordeiro de Deus, morto e ressuscitado, e as demais torres que a acompanham, dedicadas a Santa Maria, aos quatro evangelhos e aos doze apóstolos. Dezoito torres que fazem a nova Jerusalém, representada pela Sagrada Família, ascender ao céu!

Gaudí disse: “Na Sagrada Família tudo é providencial, até a minha participação como arquiteto. Situada no centro da cidade e em plena Barcelona, está à mesma distância do mar e da montanha, de Sants e Sant Andreu, dos rios Besòs e Llobregat”. Gaudí tinha um sonho para a cidade. Queria que tivesse um símbolo poderoso, singular e único. E assim tem sido. Quis comunicar, com as suas obras, o Evangelho de Jesus, e isso foi-lhe concedido. A sua vida santa irradia aos quatro ventos através de uma grande igreja que atrai pessoas de todas as culturas, raças e religiões, uma obra enraizada na fé católica, aberta a todos os cristãos e a todos os homens e mulheres de boa vontade.

ASSOCIAÇÃO CANÓNICA ANTONI GAUDÍ
BARCELONA 2024